

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

VANESSA BARRETO FASSHEBER

**A FRAGILIDADE DOS LAÇOS AFETIVOS NA CONTEMPORANEIDADE:  
diálogos psicanalíticos e sociológicos**

BELO HORIZONTE

2012

VANESSA BARRETO FASSHEBER

**A FRAGILIDADE DOS LAÇOS AFETIVOS NA CONTEMPORANEIDADE:  
diálogos psicanalíticos e sociológicos**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de pós-graduação em Teoria Psicanalítica, pela Universidade Federal de Minas Gerais - FAFICH/UFMG.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gontijo

BELO HORIZONTE

2012

Este trabalho é dedicado a todo sujeito pulsante e pensante, que se angustia diante da contemporaneidade, para todos aqueles sujeitos que se questionam sobre os vínculos e laços que tem construído.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFMG, que generosamente compartilharam seu saber conosco.

Aos colegas do curso, companheiros de estudos e angústias.

Ao estimado professor e Orientador Eduardo Gontijo, pelos sábios ensinamentos, humanidade e dedicação na arte de conduzir o aluno pelo campo do saber.

Ao secretario Valteir, pela atenção, gentileza e presteza em todas as solicitações por mim realizadas.

Aos amigos, namorado, colegas de trabalho e familiares, que compreenderam minhas ausências durante o período de dedicação ao curso e as escritas.

À amiga de uma vida e também colega de profissão, Prof. Ms. Vivian Martins Ligeiro, pelo auxílio e discussões altamente gratificantes ao longo da conclusão deste trabalho.

Aos competentes Renata e Danilo, a quem sempre delego meus trabalhos para formatação, os quais organizam de forma magistral.

## RESUMO

Ao longo deste trabalho abordam-se os laços afetivos estabelecidos na contemporaneidade. Através de leituras da psicanálise e da sociologia, foi feita uma análise que diz respeito ao tipo de sociedade a qual temos hoje e quais são os tipos de vínculos que ela nos permite construir. Para tal, foram adotados textos freudianos que abordam a humanidade e suas relações, pensando em um contexto cultural. Posteriormente, passou-se ao estudo do mal estar na atualidade, com foco no texto de Joel Birman. Para apoiar e fundamentar as vivências afetivas e os laços criados. Foram trazidas, ainda, produções recentes que versam sobre a temática, inclusive com um recorte que nos mostrará com a própria arte se apropria da questão. Fechando o estudo, foram analisados os textos do sociólogo Bauman, que retratam a fragilidade das relações e a volatilidade aparente dos sentimentos e laços estabelecidos hoje, demarcando que estamos inseridos em uma lógica do consumismo, em que aproveita-se somente o que há de positivo: daí a ideia de manter o vínculo frágil, para, se necessário, ser mais fácil descartá-lo. As leituras psicanalíticas e sociológicas nos apontam o desamparo do sujeito que se vê nesta sociedade voraz, e buscou-se, então, localizar em que ponto a psicanálise pode ser útil nesta discussão.

**Palavras-chave:** Laços afetivos. Vínculos. Individuação. Redes.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 FREUD E OS ESTUDOS SOBRE CULTURA: A MARCA DO MAL-ESTAR CIVILIZATÓRIO .....</b>	<b>7</b>
2.1 SOBRE TOTENS E TABUS - A CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA.....	7
2.2 O FUTURO DE UMA ILUSÃO - O HOMEM RENUNCIANTE.....	10
2.3 O MAL ESTAR NA CIVILIZAÇÃO - O HOMEM ENQUANTO INIMIGO DA CIVILIZAÇÃO .....	11
<b>3 DO MAL ESTAR: LEITURAS SOBRE OS CAMINHOS E DESCAMINHOS DO SOFRIMENTO HUMANO .....</b>	<b>13</b>
3.1 SOBRE O MAL ESTAR NA ATUALIDADE.....	13
3.2 LAÇOS AFETIVOS NA ATUALIDADE: ALGUNS REGISTROS CONTEMPORÂNEOS	15
<b>4 A FORMAÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS NO CONTEXTO DO MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUIÇÕES SOCIOLÓGICAS .....</b>	<b>20</b>
4.1 BAUMAN E O “AMOR LIQUIDO”.....	20
4.2 BAUMAN E A “MODERNIDADE LÍQUIDA” .....	22
<b>5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A clínica psicanalítica da contemporaneidade traz uma série de novas questões para o analista. A cada dia vemos emergir novas formas de adoecimento psíquico que refletem um novo modo de existência e enfrentamento do mal-estar civilizatório. Como os sujeitos têm reagido mediante tantas demandas impositivas de uma nova era em que o desamparo e a fragilidade dos laços afetivos se faz cada vez mais presente? Em que, é possível a psicanálise contribuir com seu saber no sentido de aliviar tamanho sofrimento?

Os sintomas do mal-estar contemporâneo são diversos e apresentam-se cotidianamente na clínica. Este trabalho busca atentar para um sintoma bastante específico desta nova era: a fragilidade dos laços afetivos e suas implicações na atualidade.

Trata-se de uma nova conformação de criação e vínculos de laços afetivos e sociais que trazem em si uma nova lógica: a ideia não mais parece ser conviver diretamente com o outro, mas sim consumir aquilo que ele pode ofertar de bom, extraindo-se daí o que não há serventia. É o que veremos mais adiante com a sociedade do consumo.

Toma-se como base uma revisão bibliográfica de autores que já se debruçaram sobre o tema. No segundo Capítulo, são apresentados breves recortes de textos importantes da obra freudiana sobre civilização. O terceiro capítulo trará uma leitura atualizada de tais questões e se baseará principalmente na releitura proposta por Joel Birman e por outros escritos contemporâneos, pesquisados em plataformas de artigos científicos. No quarto e último capítulo, discutiremos a importante contribuição da sociologia acerca do tema, adotando-se o referencial de Zygmunt Bauman. Desta forma, busca-se ao término deste trabalho, tentar compreender como os laços afetivos são constituídos na modernidade e em que medida a psicanálise e a sociologia podem contribuir em tal questão.

## 2 FREUD E OS ESTUDOS SOBRE CULTURA: A MARCA DO MAL-ESTAR CIVILIZATÓRIO

A questão cultural é amplamente discutida na literatura freudiana. “Totem e Tabu” (1913), “O Futuro de uma Ilusão” (1927) e “O Mal estar na Civilização” (1930) são grandes exemplos do quanto Freud debruçou-se sobre a questão, articulando-as sob aspectos da vida e subjetividades humanas, tais como o sexo, as relações grupais e a própria cultura em si, dentre uma vasta gama de sutilezas humanísticas.

### 2.1 SOBRE TOTENS E TABUS - A CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA

No primeiro texto apontado neste trabalho, “Totem e Tabu”, Freud discorre sobre conceitos da antropologia e ilustra suas ideias com as tribos primitivas da Austrália. Destaca nessas sociedades, a presença da cultura do totem, a exogamia e a proibição ao incesto. Exemplifica demonstrando que tamanha é a aversão pela relação incestuosa que, em algumas tribos é evitado até mesmo encontros simples entre sogra e genro de forma bastante incisiva: “Nas Ilhas Salomão, após o casamento, o genro não pode ver nem conversar com a sogra. Se a encontrar, não deve reconhecê-la; deve fugir e esconder-se o mais depressa possível” (FREUD, 1913, p.32).

Este foi o texto que mais tomou tempo de Freud para ser escrito (entre meados de 1911 a maio de 1913), e é sem dúvida uma de suas mais relevantes obras. Trata-se de um importante tratado sobre religião e moralidade. É neste texto que Freud aborda de forma muito clara a teoria do complexo de Édipo, articulando-a com o horror ao incesto vivido pelas tribos apresentadas. Assim como no Édipo, tem-se no tabu algo ambivalente: o que é desejado é proibido e justamente por isso deve estar submetido à censura. Qualquer tipo de transgressão seria punida de forma bastante marcante, como em um ato de vingança, tal como o personagem Édipo, que ao descobrir-se marido da mãe, pune-se vazando os próprios olhos.

“Totem e Tabu” é dividido em três ensaios. O primeiro trata do horror ao incesto. Aborda desde os interditos e os hábitos sexuais de aborígenes australianos, até relações em nossas sociedades atuais - com a sogra, por exemplo. Como já destacado, Freud é minucioso em descrever a forma pelo qual as sociedades primitivas se organizam de modo a garantir a interdição de matar o totem e a exogamia. A ideia é estabelecer relações entre a vida mental dos povos primitivos e a dos sujeitos neuróticos, mostrando que a primeira escolha de objeto é



sempre incestuosa, seja em qual contexto for, no passado ou atual. Os desejos incestuosos, que são o núcleo das neuroses, são evidenciados a partir das barreiras e tabus impostos:

A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente. Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses (FREUD, 1913, p.36-37).

No segundo ensaio, Freud vinculará tabu e ambivalência emocional aos rituais e proibições nas neuroses obsessivas. Coloca-se, portanto, em discussão a origem do termo “Tabu”, que expressará a presença dos deuses. Designa o caráter sagrado de algum indivíduo, estado ou coisa; as proibições e por fim as punições que provém da violação da normatividade própria do sagrado. Freud discutirá ainda sobre a ambivalência, levando em consideração a ideia de que a atitude dos povos primitivos perante seus governantes é ambígua: o governante deve ser protegido, mas ao mesmo tempo, é preciso proteger-se do governante. Não é difícil perceber o quanto desta ambivalência, que está no cerne da construção das neuroses será parte das grandes angústias que levarão os sujeitos ao mal-estar.

O terceiro ensaio, intitulado “Animismo, Magia e Onipotência de Pensamentos” defenderá que o princípio que rege a magia - entendido por Freud como técnica do modelo animista de pensamento - é a onipotência deste. Tal impotência será mais visível nas neuroses obsessivas, uma vez que seus atos parecem ter caráter mágico.

Freud destaca três características principais dos tabus: animismo, que compreende o fato de objetos inanimados serem animados por espíritos e demônios através da formação da ideia de alma (que depois iria influenciar na origem das religiões); magia, que se relacionaria a necessidade de controlar o mundo, com a ideia de leis da natureza sendo substituídas por leis psicológicas e por fim onipotência dos pensamentos, que representaria a crença nos desejos.

A onipotência de pensamentos será claramente atrelada à neurose e à culpa, elementos fundamentais, quando se pensa em estudar o mal estar e os meios pelos quais os sujeitos buscarão lidar com ele em seus vínculos afetivos:

É nas neuroses obsessivas que a sobrevivência da onipotência dos pensamentos é mais claramente visível e que as conseqüências desse modo primitivo de pensar mais se aproximam da consciência. Mas não devemos nos iludir supondo que se trata de uma característica distintiva dessa neurose específica, porque a investigação analítica revela a mesma coisa também nas outras neuroses. Em todas elas, o que determina a formação dos sintomas é a realidade, não da experiência, mas do pensamento. Os neuróticos vivem um mundo à parte, onde, como já disse, somente a 'moeda neurótica' é moeda corrente, isto é, eles são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade externa não tem importância (FREUD, 1913, p.109).

Por fim, no quarto e último ensaio, Freud aborda o mito da horda primeva, fazendo uma clara referência ao complexo de castração e a vivência edípica: os filhos expulsos retornariam para matar o pai, e assim, absorveriam parte de sua força - uma vez fortes e aptos como os pais, podemos crer que estariam em situação de competir pelo amor da mãe.

Freud (1913) volta a retomar o totemismo como um modelo que seria o alicerce organização social de todas as culturas, marcado por relações de proteção entre os membros do clã, que estabeleceriam laços a partir das normas determinadas para o grupo. Há a exigência de se manter o respeito inabalável aos tabus que mantêm o totem protegido, de modo que qualquer ação contrária seria inevitavelmente punida com uma doença grave ou até mesmo com a morte. Uma importante diferenciação colocada neste texto é a constituição do laço totêmico e do laço familiar: Freud (1913) entende que o primeiro tem maior força, pois seria herdado pela linhagem feminina. O totem, por sua vez, demarcaria um grupo ou uma ancestralidade.

Não é difícil perceber que os tabus identificados nas sociedades primitivas não estão tão distantes dos tabus que temos hoje. E é neste ponto que Freud trata da neurose: as questões psicológicas enfrentadas pelos aborígenes assemelham-se em larga escala à vivência neurótica: culpa, Édipo, incesto, castração, ambivalência - termos bastante conhecidos e difundidos hoje na Teoria Psicanalítica. E para pensar em um estudo que aborde a vinculação afetiva dos sujeitos hoje, é de suma relevância partir do ponto em que os primeiros tabus acerca das relações se formaram.

Nas religiões podemos ver claramente como Deus está em um lugar de um pai, a quem ora desafiamos, ora nos submetemos. A relação da neurose com a religião é permeada pelos sentimentos de culpa e expiração da mesma: a religião serviria então como uma espécie de apaziguadora da angústia. Deste modo, seria possível então, obter uma solução - ainda que parcial ou incompleta - para a ambivalência afetiva do pai. Logo, todas estas questões permearão os vínculos afetivos que se formarão na nossa sociedade.

## 2.2 O FUTURO DE UMA ILUSÃO - O HOMEM RENUNCIANTE

Já no texto “O Futuro de uma Ilusão”, Freud segue seu diálogo sobre cultura, com foco na religião, apontando-a como uma ilusão que se propõe a ser a ordenadora da civilização. A cultura está calcada na renúncia pulsional e justamente neste vazio entra a religião, com seus dogmas, proibições e respostas que, de um modo ou outro servirão para apaziguar as angústias neuróticas da humanidade. Neste trabalho, a religião é nomeada como a neurose obsessiva universal da humanidade

Ao renunciar às pulsões, portanto, os indivíduos estariam lançando-se à cultura, ou seja, a todo um universo de símbolos, ritos e normas que norteiam a convivência e relações entre os sujeitos. Estar imerso na cultura implica em vivenciar uma série de frustrações, resultante direta da não satisfação pulsional. A privação seria resultante das proibições e aqui Freud retoma as mais antigas privações, tais como os desejos incestuosos, o canibalismo e os homicídios.

A maioria das pessoas necessitaria, por assim dizer, de uma força externa para que obedeam aos ditamentos da cultura. Esta se internalizará através do supereu, que podemos entender como uma das maiores conquistas culturais da humanidade. É através dele que o homem se torna o promotor da cultura e pode então, se relacionar com os demais de sua espécie.

Abrindo-se mão das normas da cultura, temos a natureza em seu estado pleno: voraz, perigosa, violenta. Para proteger-se de toda essa avassaladora expressão de poder, o homem a humanizou, em especial, através de figuras paternas ambivalentes - figuras perigosas, porém também protetoras - que teriam o dever de ofertar ao ser humano um amparo diante de seu anseio pelos deuses. Deste modo, podemos conceber que a religião ameniza a fúria da natureza, reconcilia os homens com seu destino e compensa-os pelos sofrimentos e privações da existência.

Estamos então lidando com um homem parte de uma civilização ocidental confusa que cria ilusões de um futuro que não existe. Diante do medo e do desamparo do que há de vir, o homem se apega a ilusão e a religião, enquanto formas de lidar com o desconhecido, com o não saber. E hoje, quando este homem se vê na iminência de criar laços afetivos, estará diante do mesmo incerto de outrora: as mesmas questões de antes seguem sem resposta e a angústia permanece.

Para o ser humano, a vida é difícil de suportar, pois o sofrimento ameaça os homens a partir de três direções: do próprio corpo, do mundo externo e, por último, dos relacionamentos

com seus semelhantes. E é neste ponto que a humanidade terá que buscar meios de lidar com tal desamparo. A religião é, sem dúvida, uma delas.

É nesta obra que Freud retrata de forma bastante detalhada a questão da ciência enquanto demonstradora do mundo como ele é, partindo do pressuposto de que não haveria mais necessidade de interpretar a vida humana através de abstrações vazias. Entretanto, há de se considerar que embora a ciência tenha seu papel nas sociedades, na atormentadora vivência cultural, ainda é a religião que abarca a grande necessidade humana de proteção, frente ao estado infantil de desamparo e à nostalgia do pai.

No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (FREUD, 1927, p.29).

### 2.3 O MAL ESTAR NA CIVILIZAÇÃO - O HOMEM ENQUANTO INIMIGO DA CIVILIZAÇÃO

No último texto eleito para este recorte, “O Mal Estar na Civilização”, Freud fala basicamente sobre a ideia da felicidade humana e por isso, servirá prioritariamente de base para o estudo que se desenvolverá nos capítulos seguintes. Trata-se de uma obra que vai tratar do desencontro entre as exigências da cultura e as disposições pulsionais, oposição esta que apresenta graves implicações para o indivíduo.

A coerção das pulsões produziu sujeitos altamente frustrados, neuróticos e culpados, daí a existência do grande mal-estar. Uma válvula de escape possível seria a submissão cega e incondicional dos povos a figura de um líder, a obtenção de um alívio parcial da culpa por meio da submissão e a externalização da agressividade introjetada contra aqueles que se colocam como inimigos do líder.

Todo indivíduo de algum modo seria um inimigo da civilização uma vez que em cada ser humano existem forças destrutivas e anti-culturais. A natureza humana exige que haja algum tipo de controle sobre tais forças, de modo a tornar-se possível a existência social. A civilização, portanto, tem como primeira e maior função evitar o sofrimento dos homens e oferecer proteção. A busca pelo prazer estaria condicionada primeiramente ao coletivo, aos desejos e possibilidades de um todo maior.

Deste modo, podemos entender que para a sobrevivência da sociedade, os desejos do indivíduo precisam ser sacrificados em prol de um bem maior, da coletividade, incluindo aí suas relações e vínculos. Notadamente, todo sujeito que se vincula a outro, está nesta relação, abrindo mão de algo seu para ser capaz de vincular-se ao outro.

O sofrimento humano teria como fonte principal, o próprio corpo, o mundo externo e as relações. Independente da fonte do desprazer, o homem busca meios de evitá-lo ou suportá-lo. Neste texto, Freud relata alguns dos principais meios utilizados neste processo: uso de drogas, sublimação das pulsões, o trabalho, as fantasias, o remodelamento delirante da realidade, o amor e a enfermidade neurótica - sintomas. Vemos, portanto, que o sujeito tem a sua disposição diversos meios de dar vazão à carga de sofrimento que o processo civilizatório impõe.

Ao enumerar as fontes de sofrimento do ser humano, Freud (1930) aponta que o relacionamento com nossos semelhantes se configura como a nossa fonte mais penosa de sofrimento. Em contrapartida, o amor se coloca como modelo de maior felicidade, já que o indivíduo sabe que ele pode proporcionar intensa satisfação. Já que a satisfação no amor depende também do outro, e não só do sujeito. Este se expõe ao risco de submeter-se ao sofrimento de ser rejeitado ou abandonado. Portanto, há um imenso perigo de aventurar-nos no âmbito amoroso, já que “nunca nos achamos tão indefesos quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes quando perdemos nosso objeto amado ou seu amor” (FREUD, 1930, p.90).

Retomando o texto “Mais Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920) reatualiza a pulsão de morte, retratando-a como inerente a qualquer indivíduo. Seria um grande impedimento ao processo civilizatório, uma vez que apresenta um caráter conservador e forte tendência à repetição. Quando a agressividade não encontra saída, ela volta-se contra o próprio ego. O sentimento de culpa, portanto, seria a eterna tensão entre o ego e sua parte de controle, o superego.

### **3 DO MAL ESTAR: LEITURAS SOBRE OS CAMINHOS E DESCAMINHOS DO SOFRIMENTO HUMANO**

#### **3.1 SOBRE O MAL ESTAR NA ATUALIDADE.**

Tomando como base os principais textos freudianos sobre cultura, autores contemporâneos têm trabalhado a questão com bastante frequência. Birman (1999, p.15) destaca que “vivemos em um mundo perturbado e conturbado, diante do qual nossos instrumentos interpretativos ficam bem aquém da agudeza e rapidez dos acontecimentos”. Deste modo, é possível reconhecer que para além do sofrimento humano proveniente das marcas do processo civilizatório, do desamparo perante a natureza e da ambivalência paterna, amplamente trabalhadas na obra freudiana, estamos agora diante de uma realidade que tem sido ainda mais coercitiva e angustiante do ponto de vista pulsional. E o homem, por vezes tão oprimido e acuado, se verá diante da necessidade de estabelecer laços afetivos.

E é este homem “sofrente” que será o foco na obra de Birman, o sujeito que se verá diante de uma série de questões que o colocarão à prova enquanto sujeito, exigindo a este que posicione enquanto indivíduo singular em um mundo marcado pelo mal-estar.

O autor entende que a psicanálise ainda não abarca toda a questão, o que nomeia enquanto “certa insuficiência” dos instrumentos interpretativos desta. A sugestão de Birman é que diante das novas questões que a psicanálise é convocada a dar respostas, “repensemos, com urgência, os fundamentos de nossa leitura da subjetividade”. Podemos, portanto, conceber que a ideia é pensar nos “destinos do desejo na atualidade”, para que sejamos capazes de minimamente ofertar algumas respostas as “novas formas de subjetivação da atualidade, circunscrevendo então o campo do mal-estar contemporâneo” (BIRMAN, 1999, p.16).

O autor propõe um paralelo entre o mal-estar na atualidade e o mal-estar na psicanálise, aproximando dois grandes autores: Marx e Freud. A modernidade teria sido construída em torno do ideário da revolução e fora promovida pelo sujeito coletivo, sendo que Marx teria sido o representante da materialização teórica dessa utopia, que marcou de forma indelével os séculos XIX e XX. O marxismo, portanto, seria a representação viva do que poderíamos conceber enquanto sujeito coletivo. Freud, por sua vez, abordaria a questão pensando no desejo do sujeito enquanto indivíduo, ao qual “o sujeito pode reinventar seu eu e traçar uma outra história” (BIRMAN, 1999, p. 84).

E é através de Freud, ao enunciar-se como o catalisador possível das transformações da individualidade, o desejo torna-se o único meio através do qual “[...] o sujeito pode reinventar seu eu e traçar uma outra história” (BIRMAN, 1999, p. 84). O seguidores de Marx, por sua vez, teriam transformado o pensamento em e algo de ordem mecanicista e economicista.

Ainda partindo da leitura de textos freudianos, Birman (1999) busca promover uma separação entre as interpretações de Freud a respeito dos enfrentamentos do sujeito na modernidade. Freud destacará de forma substancial o conflito do sujeito entre seu mundo pulsional e o mundo social. É neste ponto que o autor fará uma diferenciação entre a visão de Freud em dois textos diferentes: em 1908, Freud acreditava na “harmonia possível entre os registros do sujeito e do social”, pela mediação da psicanálise. Porém, em 1929, descrente disso, Freud faz entrar em cena a “problemática do desamparo do sujeito no campo social” - bem como frente a outras fontes de sofrimento, como o que provém de nossos próprios corpos e o que provém dos poderes da natureza (BIRMAN, 1999, p. 129).

Uma vez que tal tensão não é possível de ser “curada”, o autor trará então, a concepção da “gestão do desamparo”, que seria materializada através da pulsão de morte, da angústia do real, e da feminilidade:

“uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito”, o qual só é passível de domínio e não de cura. Assim sendo, o discurso freudiano assume uma perspectiva ética e política sobre o conflito, “nesse deslocamento crucial, dos registros da terapêutica possível para o da gestão” (BIRMAN, 1999, p. 130).

Sendo assim, seria esta “gestão do desamparo” que permitiria ao sujeito constituir para a pulsão destinos tanto eróticos e também sublimatórios. Esta gestão

“implica os registros ético e político”, ao permitir a “tessitura de laços sociais e [...] [a] produção de obra no campo destes laços”. E, por ser regido por esses laços, “o sujeito é obrigado a realizar a gestão do conflito nos campos político e social” (BIRMAN, 1999, p.132).

A partir de tais reflexões, Birman (1999) fará uma profunda discussão acerca da crise da psicanálise, que a pontará como principais focos deste momento os Estados Unidos, alguns países europeus e também, a América Latina. A “crise” pode ser visualizada principalmente pela diminuição da demanda de análise, momento em que o autor pegará até mesmo representações dos analistas em obras cinematográficas: são seres vistos como inteligentes, mas também arditos e manipuladores. Este processo estaria ainda ligado à crescente entrada

no campo psíquico de outras teorias, tais como as neurociências, as teorias cognitivas e a psiquiatria biológica.

O mal estar, portanto, não estaria somente na civilização, tal como preconizou Freud, tampouco na atualidade, mas estaria nas entranhas da própria psicanálise. Existiria, portanto, uma “certa perda de poder crítico da comunidade psicanalítica” e um “certo fundamentalismo”. Este pode ser identificado nas “diferentes tendências do pensamento analítico da atualidade”. Deste modo, não haveria uma conversação entre as diversas escolas, que deixariam de compartilhar e trocar saberes.

Outro ponto importante abordado por Birman (1999) neste texto é a reflexão de que a sociedade pós-moderna é pautada pela cultura do narcisismo e pela sociedade do espetáculo. Na cultura do narcisismo e na sociedade do espetáculo, a fragmentação da subjetividade apresenta-se de forma significativa. Seria, portanto, uma nova forma de subjetivação, através do qual são criadas outras modalidades de subjetivação na atualidade, o que constituiria o fundamento da atual psicopatologia. A partir daí, surgiriam os novos estudos sobre o que reconhecemos hoje como as novas formas de adoecimento psíquico, tais como depressões, síndrome do pânico, toxicomanias, dentre outras. A medicalização do social e a sua conseqüente psiquiatrização seriam recursos bastante adotados como saída ao mal estar aqui apresentado.

### 3.2 LAÇOS AFETIVOS NA ATUALIDADE: ALGUNS REGISTROS CONTEMPORÂNEOS

Sigal (2000) elenca de forma bastante clara os elementos da nossa era que tem atuado de forma drástica sobre a subjetividade - e os corpos - dos sujeitos, reatualizando o Mal-Estar descrito por Freud, que se estenderá notoriamente para o campo das relações humanas:

O consumo desenfreado, a vertiginosidade que se imprime ao tempo, que faz com que não seja possível suportar e sustentar projetos de longo prazo, o imediatismo que transforma a satisfação sem demora no leitmotiv do prazer cotidiano, a falta de solidariedade e de utopias, a política de esgotamento rápido do objeto que, conseqüentemente, não deixa marcas e impede que o mundo interno seja povoado de conteúdos próprios; a constante intervenção de uma mídia que provoca inermidade, promovendo uma passividade e transformando o sujeito em objeto, atacando os processos criativos e de pensamento; a corrupção social e o desemprego, que aprofundam o sentimento de desamparo e ruína e colocam o Eu em posição de falência (SIGAL, 2000, p.115).

Neste emaranhado de questões sem resposta e estímulos que convocam o sujeito a posicionar-se a todo o momento, o sofrimento humano emerge como expressão máxima da



angústia, da insatisfação, do vazio e da impossibilidade de apresentar-se perante o mundo como um sujeito onipotente, pleno, sem falhas e perfeito. Neste contexto, emergem as relações afetivas. Como manter vínculos duradouros e plenos em uma era tão voraz, rápida e de consumo desenfreado?

A lógica de mercado permeando as relações humanas é também objeto de um artigo de Gomes & Silva Junior (2007). Neste texto, os autores buscam elucidar e promover uma discussão acerca das consequências da fragmentação dos laços públicos e o reflexo visualizado através do aniquilamento do exercício político. Os autores trabalham com a perspectiva de um cenário “líquido”, tal como nos apresenta Bauman: um contexto em que os processos de individualização e da fragilidade dos laços configuram a decomposição do espaço público e o conseqüente rebaixamento da política. O mercado capitalista, ao transformar vínculos humanos e pessoas em mercadorias, tem promovido o esfacelamento da solidariedade humana e das habilidades de sociabilidade.

Nesta pesquisa, os autores entrevistaram trabalhadores de cooperativas populares sobre as suas histórias de amizade e concluíram que os laços de amizade podem compor relações de acolhimento e comprometimento com o outro, nas quais se vive o vigor da solidariedade. Não obstante, as narrativas dos sujeitos também revelaram a contemporânea fragilidade dos laços sociais, o isolamento social e o individualismo.

E é escutando de tais trabalhadores que, mais uma vez, temas recorrentes como solidão e isolamento tomam a cena. Não é incomum pacientes buscarem nos consultórios de psicanálise uma solução para tais angústias que, por vezes, são ligadas diretamente - se não em parte, ao social - aos vínculos e às relações humanas.

Outro fenômeno que não pode ser desconsiderado ao pensar as relações na contemporaneidade são as redes sociais de relacionamentos virtuais. Nelas, as pessoas inscrevem-se através da criação de um perfil, espaço em que podem expor suas fotos, preferências, interesses e desejos. São verdadeiras vitrines em que sujeitos desejantes colocam-se ao olhar do outro, e ao mesmo tempo, afastam-se. Há a ilusão de se ter milhares de amigos, que são muitas vezes cultivados numericamente com orgulho pelo detentor do perfil, porém na grande maioria das vezes são relações meramente virtuais.

E a ideia do capitalismo atravessando o campo das relações afetivas faz-se novamente presente. Não se vende somente produtos, mas também uma imagem: do popular, do inteligente, do amável, do audacioso. Cada um tem a liberdade e diversas possibilidades de construir seus “perfis sociais” a seu bel-prazer, juntando uma série de elementos que vão determinar aquilo que o outro enxergará de você.

As redes sociais têm se inserido neste contexto de forma bastante notória. Ainda de uma forma mais recente, pesquisadores já tem se debruçado sobre o tema, buscando a compreensão dos tipos de relações que se desenvolvem nessas redes. São espaços em que o sujeito pode se expor, escolhendo as melhores fotos e a melhor forma de se parecer “vendável” e assim, ser “comprado” pelo consumidor, no caso, o outro.

As artes tem se apropriado de forma bastante vasta sobre a temática aqui exposta. Recorto um exemplo da arte cinematográfica: um filme bastante recente, “Medianeras - Buenos Aires na era do amor virtual”, lançado em 2011, dirigido por Gustavo Taretto. Trata-se de uma comédia romântica que aborda os vínculos e as formas pelas quais os sujeitos se relacionam atualmente. O filme enfocará na conectividade e nas relações virtuais, porém o enredo é bastante abrangente e nos põe a pensar em uma série de questões para além. Os personagens principais, Martin e Mariana são dois jovens adultos solitários que vivem em micro-apartamentos no centro de Buenos Aires, mais precisamente, na mesma quadra da Avenida Santa Fé.

Adotando a arquitetura enquanto pano de fundo, os personagens refletem o tempo todo sobre a solidão e a cidade ao redor. E é aí que surgirão seus sintomas. Martin os expressará de forma muito clara:

estou convencido de que as separações, os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a apatia, a depressão, o suicídio, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, as contraturas, a insegurança, a hipocondria, o estresse e o sedentarismo são responsabilidade dos arquitetos e da construção civil. Destes males, salvo o suicídio, padeço de todos (TARETO, 2011).

E é exatamente deste modo que Martin se apresenta ao espectador: um sujeito hipocondríaco, que visita médicos, pesquisa diagnósticos no site de buscas *Google*, trata-se de fobia e evita, ao máximo, sair de casa. Ao conectar-se no programa de mensagens MSN, adota como status “Super disponível”, não bastando o “disponível” que já é um status padrão do programa.

Enquanto Martin analisa a cidade como um todo e constata a diferença entre os padrões arquitetônicos desta - ou talvez a falta de padrão - sua desconhecida vizinha analisará o edifício que mais estima em Buenos Aires: o Planetário:

De todas as construções da cidade, esta é minha preferida. [...] É feita com meus materiais preferidos: concreto, aço e vidro. Foi inspirada em Saturno e seus anéis, embora a maioria veja um disco voador. Sempre entro esperando que decole e me leve a outro lugar. Se bem que o planetário me põe mais no meu lugar. Lembra que

o mundo não gira ao meu redor, que sou uma parte muito pequena de um planeta que faz parte de um sistema, que faz parte de uma galáxia, que como milhares de galáxias faz parte do universo. Isso me lembra que sou parte de um todo, infinito e eterno (TARETO, 2011).

E é deste modo que Mariana se apresenta: como uma solitária que está tentando colocar em ordem uma vida bagunçada, mas que parece não saber ao certo como. Em sua angústia, visita o planetário e apazigua-se ao perceber que é só um ser em um universo tão vasto, que é só mais uma parte de algo muito maior.

Braga (2011), em artigo intitulado “Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais” faz um apanhado e analisa os modos virtuais de relação, trazendo importantes contribuições ao debate. A autora aponta como principal impulso deste fenômeno, o individualismo crescente da nossa sociedade, que nos leva a se relacionar de modo frágil e distante. E é com apenas “um clique” que laços são “alimentados” ou ainda, que sujeitos podem expressar opiniões políticas, por exemplo, tornando-se parte de algo coletivo e maior.

A autora questiona o futuro das comunicações: “O futuro da comunicação ainda está em aberto. Apenas nos últimos dez anos, vimos surgir o *Orkut*, a *Wikipedia*, o *Youtube*, o *Wikileaks* e o *Twitter*. O que ainda veremos nos próximos dez ou vinte anos?” (BRAGA, 2011, p.102), mas parece, diferentemente de outros autores, ter uma visão mais otimista acerca da internet, em especial enquanto elemento político, definindo-a como mais um meio possível de relações e organização da vida em comunidade:

As pessoas usam a internet junto com seus celulares, câmeras fotográficas, televisores, rádios e conversações face-a-face. Uma tecnologia que, como as outras, não existe fora da sociedade, mas que ela própria ajuda a redefinir o que entendemos por viver em sociedade (BRAGA, 2011, p.103).

Maurano (2004) nos desperta para o fato de que, não apenas nos dias atuais, mas em toda sua existência, o ser humano busca a comunicação a fim de reforçar os laços que os unem aos outros. Isso explica tantos avanços e invenções nesta área: desde os celulares até a internet com os *twitters*, *blogs* e salas de bate-papo.

Segundo a autora, vivemos sob o “Império de Eros” e “Ancorados uns nos outros buscamos obter algum apoio, mesmo que o outro ao qual estamos ligados esteja nas mesmas condições de desamparo que nós mesmos” (MAURANO, 2004, p.11). Buscamos no outro a salvação para o desamparo que se configura como constitucional a todo ser humano já que somos seres desamparados pelo saber instintual.

A formulação sobre o desamparo primordial nos é apresentada por Freud desde seus primeiros escritos. Em (1996/1895), o autor já indicara, com suas formulações sobre o “Complexo do próximo”, que é em seu semelhante que o bebê vai buscar sua satisfação da pulsão e identificação. Esse primeiro “próximo” torna-se para o bebê sua força auxiliar, que sem seu amor e seus cuidados, a criança não sobreviveria. O desamparo é descrito como o estado em que o bebê depende inteiramente dos cuidados de outras pessoas, revelando-se impotente para realizar sozinho ações específicas que diminuam sua tensão interna (fome, sede, frio). Esse protótipo de desamparo influencia de forma crucial a relação do sujeito com o outro, fazendo com que ambos estejam indissociavelmente ligados.

É inegável que nos dias atuais é muito difícil abrir mão dos meios virtuais, sejam eles redes de relacionamentos ou meios de troca de informações, como e-mails ou programas de mensagens instantâneas. Em um universo informatizado, em que as máquinas controlam dados, facilitando o trabalho e as comunicações, as relações humanas acabam, de fato, sendo também atingidas por tal. O que nos cabe pensar é em que momento a psicanálise pode contribuir para repensar a formação e manutenção dos laços em meio ao mundo de teclas, computadores e mensagens instantâneas, que aproximam e ao mesmo tempo, afastam as pessoas.

## **4 A FORMAÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS NO CONTEXTO DO MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUIÇÕES SOCIOLÓGICAS**

### **4.1 BAUMAN E O “AMOR LIQUIDO”**

Bauman (2004) traz uma série de discussões que apontam para a dificuldade de manutenção de laços afetivos duradouros, que sejam capazes, de efetivamente, manterem as pessoas unidas. Deste modo, O “amor líquido”, consistiria em um modo de se relacionar em que não existem, a priori, vínculos seguros. Tal como os líquidos, as novas relações estariam permeadas por redes frágeis e pouco palpáveis. Estas redes, hoje, são basicamente constituídas de relações virtuais, em que o sujeito se coloca como parte de um vínculo construído com diversos outros indivíduos, sem necessariamente ter que dedicar-se ao convívio sistemático e pessoal com estes.

São redes que se destacam, de forma significativa, a manterem o sujeito interligado com personagens que parecem ter sido criados especificamente para tal fim. Não é incomum notarmos o quanto, hoje em dia, utilizam-se as redes sociais para traçar um perfil com a roupagem que gostaríamos de ter, independente de tratar-se do real ou não. Na verdade, neste tipo de relação, o real parecer ser o que menos importa.

Para além da questão da imagem, há de se considerar a facilidade com o qual tais relações podem ser desfeitas, o que nos traz uma falsa sensação de segurança. Caso não dê certo, é muito simples com uma tecla excluir o outro e assim, romper o vínculo. Esta possibilidade traz uma série de novas possibilidades para sujeitos que até então viam-se amedrontados com a possibilidade de um relacionamento próximo.

A ideia de uma cultura consumista trará, inevitavelmente, marcas cruciais para o novo modo de se relacionar da humanidade, que também não podemos deixar de nos atentar. Na época da “satisfação garantida ou seu dinheiro de volta”, as relações parecem seguir uma mesma linha. Estar nas mãos do outro e ser “refém” dos desejos deste é algo por vezes angustiante, porém a possibilidade do uso imediato parece nos manter, de algum modo, minimamente protegidos:

“E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro” (BAUMAN, 2004, p.21). O desejo passa a ser então assemelhado à vontade de consumir. Estamos, portanto, no campo daquilo que destrói, devora e por vezes aniquila.

Há uma importante diferenciação a ser feita entre amor e desejo: enquanto no primeiro sentimento estaria implicado o ato de zelo e cuidado, o desejo estaria mais voltado para o devorar no sentido de tomar para si a qualquer preço, podendo o preço ser, até mesmo, a destruição do objeto amado. Embora estejam em campos, opostos, desejo e amor convivem como irmãos.

Estamos, portanto, em uma era de satisfação dos desejos de forma instantânea. Não mais precisamos aguardar e cultivar os laços para que daí frutifique-se algo positivo. A manutenção dos vínculos frouxos nos permite ainda poder agir por impulso, tal como nas compras em *shoppings centers*: deste modo, conseguimos manter-nos abertos para toda e qualquer nova experiência que possa surgir, aumentando assim nossa probabilidade de vivenciar experiências mais satisfatórias do ponto de vista pulsional, porém notoriamente mais pobres no aspecto afetivo enquanto laço duradouro. Basta trocar a “mercadoria defeituosa”, tudo retorna ao normal:

Consideradas defeituosas ou não ‘plenamente satisfatórias’, as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais, mesmo que não haja serviço de atendimento ao cliente e que não inclua a garantia de devolução do dinheiro. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneçam em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores, telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom, estado e em condições de funcionamento satisfatórias, são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que ‘novas e aperfeiçoadas versões’ aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento (BAUMAN, 2004, p.28).

Um fenômeno que tem sido visualizado de forma mais notória nos últimos tempos tem sido o que Bauman (2004, p.28) vem a nomear como “relações de bolso”: aquelas em que lançamos mão quando necessário. Seria a encarnação declarada do instantâneo e da disponibilidade. Algumas condições seriam necessárias para a concretização tais como impor barreiras para que não haja um envolvimento afetivo exacerbado e a garantia do não envolvimento, o que trariam aos sujeitos participantes, a sensação de segurança necessária para evitar o sofrimento possível em caso de um rompimento. Lançar mão deste tipo de relação, em suma, seria um caminho para usufruir dos bens de um convívio bem demarcado no tempo, sem, no entanto, ter que diretamente lidar com questões implicadas no ato de se envolver afetivamente.

## 4.2 BAUMAN E A “MODERNIDADE LÍQUIDA”

Ainda debruçando-se em leituras de Bauman, podemos destacar uma obra de grande relevância deste autor, intitulada “Modernidade Líquida”. Nesta, Bauman (2001) aborda a constituição de uma nova modernidade, caracterizada pela volatilidade e instabilidade das relações e da frouxidão dos vínculos estabelecidos. Os novos laços, portanto, já nasceriam em um cenário de insegurança. Assim, podemos então pensar que estamos diante de uma grande questão geradora de angústia: se não sabemos que tipo de relações desenvolvemos e se pairam dúvidas sobre a consistência e estabilidade destas, o que poderemos esperar do futuro?

Em Modernidade Líquida Bauman (2001) analisará cinco conceitos que seriam norteadores - ou organizadores- da vida humana: emancipação, individualidade, tempo/espço, trabalho e comunidade. São conceitos fundamentais para se pensar na conformação dos laços humanos, porém o autor chamará nossa atenção para o fato de que houve mudanças acerca da concepção de tais conceitos na chamada pós-modernidade. Esta discussão nos remete a sentimentos e situações já bastante conhecidas e vivenciadas por nós, e que costumam ser bastante recorrentes na clínica, enquanto queixa de nossos pacientes: as incertezas do cotidiano, a insegurança das grandes cidades e do urbano, a dissolução e/ou frouxidão dos laços afetivos, os frágeis e precários vínculos de trabalho, a prevalência da lógica do consumo e o sentimento de falta de sentido, dentre outros.

Bauman (2001) inicia sua obra destacando que ao fim das três décadas que se sucederam à Segunda Guerra Mundial, seguiu-se uma época de prosperidade, em que visualizamos uma sociedade rica e poderosa, porém não sedenta por Liberdade. Há aí uma importante crítica do conceito de “indivíduo livre”. Existe uma profunda insatisfação com o momento presente, porém:

[...] De alguma maneira, no entanto, essa reflexão não vai longe o suficiente para alcançar os complexos mecanismos que conectam nossos movimentos com seus resultados e os determinam, e menos ainda as condições que mantém esses mecanismos em operação. Somos talvez mais ‘predispostos a crítica’, mais assertivos e intransigentes em nossas críticas que nossos ancestrais em sua vida cotidiana, mas nossa crítica é, por assim dizer, ‘desdentada’, incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na ‘política-vida’ (BAUMAN, 2001, p.31).

Parece então, que os indivíduos tendem à insatisfação, porém não têm sido capazes de fazer dela o motor de alguma mudança. Há um grande abismo entre a condição de indivíduos e as chances de tornarem-se indivíduos de fato, sujeitos pensantes e autores de suas próprias histórias. O indivíduo é visto como o pior inimigo do cidadão, pois o cidadão busca seu

próprio bem-estar através do bem-estar da cidade, enquanto o indivíduo tende a ser cético ou prudente em relação à causa comum.

Pensando no ceticismo da causa comum, podemos relacioná-la ao desejo dos indivíduos de se protegerem do mal, através de algo:

[...] que permita que cada um siga seu próprio caminho, e que permita que todos os façam ‘em paz’ - protegendo a segurança de seus corpos e posses, trancando criminosos reais ou potenciais nas prisões e mantendo as ruas livres de assaltantes, pervertidos, pedintes e todo tipo de estranhos constrangedores e maus (BAUMAN, 2001, p. 45).

O momento que caracterizaria o nosso presente, a dita “Modernidade Líquida”, seria demarcada como uma metáfora da individualização da Modernidade. A ideia de transformação estaria diretamente atrelada à capacidade de preparação, ou seja, estaríamos dispostos a tal basicamente para nos tornarmos aptos a lidar com as transformações sociais as quais somos submetidos diariamente. Bauman defenderá que essa nova era líquida - contrapondo-a a um passado sólido - acabou por se tornar nos elos que uniam os desejos dos indivíduos e os interesses coletivos, (o que, de certo modo, nos dá a sensação de segurança e pertencimento, quase sempre apaziguadora).

Porém nos vemos agora diante da exigência de nos capacitarmos para lidar com o incerto. Por outro lado, sabemos que somos incapazes de promover mudanças de grande amplitude, que atinjam toda a sociedade. A Modernidade Líquida, portanto, nos convoca a responder do lugar de sujeito social em meio a uma estrutura pouco delimitada, remota, a qual não apreendemos por inteira: fica sempre algo que não pode ser respondido e que, ao mesmo tempo, não pode ser questionado. E é justamente neste cenário etéreo em que a humanidade será convidada a estabelecer seis laços e vínculos, sejam eles familiares, amorosos, de trabalho, com a comunidade. O futuro permanece como incerto.

Um dos exemplos de tal exigência pode ser notada na ausência da figura de um líder, aquele que nos determinaria um caminho a ser seguido.

Não [há] mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo [...] (BAUMAN, 2001, p. 39).

E é em meio a este mundo líquido, de laços etéreos e não palpáveis que os sujeitos se verão convocados a construir uma identidade própria. Neste aspecto, Bauman propõe uma



discussão ainda mais avançada, ao reconhecer que a identidade seria uma obra que buscamos moldar a partir de algo bastante frágil:

Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofo quebradiço da vida chama-se “identidade”. Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem - para nosso desespero eterno - faltar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encontrar, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se (BAUMAN, 2001, p. 97).

E assim, mais uma vez evidencia-se que nós, humanos, somos convocados a nos vincular, a amar, a viver. A angústia é apenas parte de um processo bem mais complexo, que a psicanálise se vê convocada a trabalhar sobre, ainda que, obviamente, não tenhamos todas as respostas.

## 5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Freud em seus vastos estudos sobre o ser humano e suas relações com o outro e com o mundo no qual estamos inseridos, nos mostrou o quão delicado é o processo de um sujeito inserir-se enquanto ser cultural. Há neste momento uma série de perdas e renúncias - a própria castração - que nos lançam ao abismo do não saber, do desconhecido.

A psicanálise de fato não responderá muitas das questões que a religião se propõe a fazê-lo: “De onde viemos?”; “Para onde vamos?”; “Por que estamos aqui?”. As afirmações floridas e completas fornecidas pelas religiões parecem de fato serem capazes de abarcar boa parte do sofrimento deste homem que vive em um mundo por vezes hostil, que não o acolhe, tampouco o diz o que fazer.

E é este homem “perdido” que se verá diante de tantos outros semelhantes, em alguns momentos atrelados a verdades e crenças próprias ou talvez tão perdidos quanto ele. E é neste cenário contemporâneo, das relações líquidas, rápidas e de consumos, tão bem exploradas por Bauman, que este homem terá que lidar com suas emoções e sentimentos acerca do outro. “Como amar algo que pode partir, é etéreo, é fugaz?”

Os autores contemporâneos a Freud nos trazem ainda importantes contribuições ao tema, nos fazendo pensar que estas relações estão ainda mais “caóticas” em virtude do novo modo de viver da sociedade contemporânea: somos convocados a responder sozinhos por uma série de questões, em uma velocidade por vezes muito acima de nossa capacidade de processamento subjetivo. E quase sempre, de forma solitária.

Daí emergem os processos de individuação e vivência isoladas, muito bem retratadas com o exemplo do filme “Medianeras”. Sujeitos compartilham os mesmos espaços, mas são incapazes de se enxergarem, de se permitirem criar algum vínculo que vá além do transitar pelas mesmas ruas.

Para além desta questão, vemos então surgir um novo fenômeno que parece ser a saída encontrada por muitos sujeitos para sobreviverem em um mundo tão pouco acolhedor e de relações tão complexas: as redes virtuais. Tanto quanto aponta Bauman, em seu olhar sociológico e diversos autores contemporâneos recortados para este estudo, o meio digital nos permite criar uma relação frágil, com vínculos que podem se romper apenas acionando a tecla “delete”. Não se vive mais a relação próxima, cotidiana, com seus impasses e vacilos, mas sim, a relação mais próxima da “perfeição”, com um outro que está ali, à disposição, *online*, e que se vende como um produto em uma prateleira.

E como todo sujeito que seduz e é seduzido, não é tão difícil pensar no quanto é fácil cair na tentação de isolar-se do mundo e manter laços líquidos, laços virtuais. É mais simples, é mais fácil, e nos dá a falsa sensação de controle: se algo der errado ou não for do meu agrado podemos simplesmente deletar, bloquear, excluir.

E o que a psicanálise pode dizer sobre? Aonde nós, psicanalistas, entramos nesta discussão? Entendo que o grande trabalho de um analista está em permitir que o sujeito encontre seu desejo, seu gozo, e assim, caminhe pela própria vida em busca de suas realizações. Como Birman destaca de forma magistral, a psicanálise de fato não tem respostas para tudo e acredito que não é necessário, tampouco possível, tê-las. Mas colocar o sujeito em trabalho de análise para pensar sobre seu desejo e por onde tem direcionado sua libido, pode ser um meio de instigá-lo a ir além do conforto do laço frágil.

Não se trata de uma receita: a psicanálise nos ensina que cada sujeito é único e as saídas encontradas para as angústias apresentadas serão as mais variadas. E é justamente por isso que a psicanálise não entra aqui como a “salvadora” da fragilidade dos laços na contemporaneidade. Ela vem simplesmente cumprir o seu papel: Questionar ao sujeito que procura ajuda sobre o seu desejo. E assim, talvez, conseguir auxiliá-lo a romper com medos e possibilitar que ele encontre recursos que o permitam transitar pelo mundo, tal como ele é, permitindo ao sujeito a construção de recursos próprios que o possibilitem reinventar-se, e assim, lidar com seu sofrimento.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BIRMAN, J. **Mal Estar na atualidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- BRAGA, A. Sociabilidades Digitais e as Reconfigurações das Relações Sociais. Desigualdade & Diversidade. **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, nº 9, ago/dez 2011, pp. 95-104
- FREUD, S. **Mais-além do princípio de prazer**. Vol. XVIII. Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1920.
- \_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. [Rio de Janeiro: Imago, 1996](#), v. 1, p.333-449.
- \_\_\_\_\_. **Totem e Tabu**. Vol. XIII; Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1913.
- \_\_\_\_\_. **O Mal Estar na Civilização**. Vol. XXI. Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- \_\_\_\_\_. **O Futuro de uma Ilusão**. Vol. XVIII. Obras Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1927.
- GOMES, L.G.N.; SILVA JUNIOR, N. Sobre a amizade em tempos de solidão. **Psicologia & Sociedade**; 19 (2): 57-64, 2007.
- MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise?**. [Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004](#).
- SIGAL, A.M.T. O arcaico nas patologias contemporâneas. Considerações sobre o pânico. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, IV, 4, 112-118, Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Campinas 2000.
- TARETO, Gustavo. **Medianeras**: Buenos Aires no amor da era virtual. Distribuidora: Imovision. Película em cor, 96 minutos, 2011, Buenos Aires, Argentina.